

Higieno-nacionalismo, um remédio milagroso contra a pandemia? Populismos, racismos e conspiracionismos em torno da Covid-19¹

L'hygiéno-nationalisme, remède miracle à la pandémie ? Populismes, racismes et complotismes autour du Covid-19

Vincent Geisser²

Tradução: Thainá da Silva Cândido Carungaba³

Revisão de tradução: Fabiana Zogbi Lontra da Conceição⁴

Resumo: O presente projeto consiste na tradução do artigo “*L'hygiéno-nationalisme, remède miracle à la pandémie? Populismes, racismes et complotismes autour du Covid-19*”, escrito pelo sociólogo francês Vincent Geisser para a revista *Migrations Société*, em oito de junho de 2020. O texto que recebe, aqui, o título “Higieno-nacionalismo, um remédio milagroso contra a pandemia? Populismos, racismos e conspiracionismos em torno da Covid-19”, discute o crescimento de tendências nacionalistas, xenofóbicas e mesmo racistas em todo o mundo, sobretudo nas sociedades ocidentais, diante da crise sanitária do coronavírus em 2020, estabelecendo um paralelo com as grandes epidemias ao longo da história. Este trabalho pretende viabilizar ao público leitor brasileiro o debate acerca dos sintomas nacionalistas, xenofóbicos e racistas em torno da Covid-19, a partir das reflexões propostas por Vincent Geisser. A tradução deste artigo foi concebida mediante autorização prévia do autor.

Palavras-chave: Coronavírus; Xenofobia; Nacionalismo; Racismo; Pandemia.

Abstract: This project consists of the translation of the article “*L'hygiéno-nationalisme, remède miracle à la pandémie? Populismes, racismes et complotismes autour du Covid-19*”, written by the French sociologist Vincent Geisser for the journal *Migrations Société*, in 8th June, 2020. Here translated as “Higienonacionalismo, um remédio milagroso contra a pandemia? Populismos, racismos e conspiracionismos em torno da Covid-19”, the text discusses the increase of nationalist, xenophobic and even racist tendencies worldwide, especially in western societies, regarding the coronavirus health crisis in 2020, establishing a parallel to the big epidemics along throughout history. This work aims to enable the debate regarding the nationalist, xenophobic and racist symptoms around Covid-19 based on the reflections proposed by Vincent Geisser. This article's translation was conceived with the author's prior authorization.

Keywords: Coronavirus; Xenophobia; Nationalism; Racism; Pandemic.

¹ O texto utilizado como fonte para esta tradução está disponível em: <https://www.cairn.info/revue-migrations-societe-2020-2-page-3.htm>. O texto foi originalmente publicado em Marselha, 8 de junho de 2020, na *Revista Migrations Société* (<http://www.ciemi.org/ms.html#>). Esta tradução tem objetivos estritamente pedagógicos e científicos e não tem fins lucrativos. A permissão do autor e revista, detentores dos direitos sobre o conteúdo, foi obtida por escrito. Contato: vgeisser@msh.univ-aix.fr

² Pesquisador no *Institut de recherches et d'études sur les mondes arabes et musulmans* – IREMAM (Instituto de Pesquisas e Estudos sobre os Mundos Árabes e Muçulmanos) do *Centre national de la recherche scientifique* – CNRS (Centro Nacional da Pesquisa Científica). Presidente do *Centre d'information et d'études sur les migrations internationales* – CIEMI (Centro de Informação e de Estudos sobre as Migrações Internacionais). Diretor de publicação da revista *Migrations Société*. Membro do conselho estratégico do movimento *Coexister*. Doutor em Ciências pela Aix-Marseille Université (AMU). E-mail para contato: vgeisser@msh.univ-aix.fr

³ Graduada em Letras (Licenciatura/Português-Francês) pelo Instituto de Letras da UFF e mestranda em Estudos de Linguagem na mesma instituição. E-mail para contato: thainacarungaba@id.uff.br

⁴ Graduada em Letras (Bacharelado/Português-Francês) pelo Instituto de Letras da UFRGS e mestranda na mesma instituição. E-mail para contato: fablontra@gmail.com

Com algumas poucas exceções, todos nós temos a sensação de ter vivido, nesses últimos meses, momentos dramáticos e fora do comum que ressuscitam a memória coletiva de acontecimentos traumáticos, como os colapsos econômicos (o fantasma da crise de 1929), as guerras civis e mundiais (em 1870, de 1914 a 1918, de 1939 a 1945 etc.), as catástrofes naturais (terremotos, inundações e tsunamis) e, é claro, as *grandes epidemias* (peste, cólera, gripe espanhola, AIDS etc.) que marcaram a história mundial. Isso explica a propensão dos agentes sociais a ceder a aproximações históricas de *senso comum* que, longe de relativizar a situação atual, tendem a valorizar leituras catastróficas que não deixam de ter consequências sobre as representações, atitudes e comportamentos dos governantes e dos cidadãos comuns em relação à pandemia. Contudo, como afirmam os historiadores e os demógrafos, comparação não é razão: a epidemia da Covid-19 surge muito menos destrutiva para vidas humanas e relações sociais⁵ do que as pandemias precedentes que atravessaram a história das nossas sociedades:

A epidemia de coronavírus surgida na China, em novembro de 2019, é impressionante por sua amplitude e pela rapidez de sua disseminação. No entanto, está longe de ser uma catástrofe sanitária comparável a certas pandemias do passado, dada sua letalidade relativamente fraca. Porém, será a primeira a ter levado metade da humanidade, isto é, mais de três bilhões de pessoas, ao confinamento. A ansiedade provocada pela epidemia do coronavírus é, talvez, excessiva. No entanto, explica-se, entre outras razões, pelo fato de que essa doença faz ressurgir a lembrança de medos antigos, resultantes da difícil confrontação do homem com outras pandemias. A memória coletiva do Velho Continente ficou, de fato, marcada pela lembrança da calamidade que representou a peste negra do século XIV que, em um ano, entre 1348 e 1349, fez desaparecer uma boa parte, até metade da população europeia. A história do homem é, portanto, marcada por doenças epidêmicas. Além da peste e da cólera, juntam-se a varíola, o tifo, a febre amarela, a gripe espanhola de 1918 e, mais próximos de nós, o Zika vírus, o Ebola, o SARS, sem se esquecer do HIV/AIDS e, agora, a Covid-19. (SARDON, 2020, p. 4)

Todavia, esse catastrofismo ambiente não poderia ser explicado simplesmente pelos medos e fantasmas sanitários da *gentinha*, dos *invisíveis*, da *França de baixo*: ele constitui, também, a manifestação de um processo de *politização/dramatização* que conta com a contribuição de diversos agentes, principalmente os poderes públicos e os formadores de opinião, que impõem um enquadramento ideológico da pandemia. Nesse sentido, a Covid-19 deve, primeiramente, ser tratada como um objeto político que funciona de maneira paradoxal: impondo leituras ao mesmo tempo *despolitizantes* e *naturalizantes* da epidemia, considerada um problema de ordem médica e sanitária, os responsáveis políticos e governamentais

⁵ A exemplo, a AIDS fez mais de 32 milhões de vítimas no mundo desde 1981. Fonte: ONUSIDA, <https://www.unaids.org/fr/resources/fact-sheet>.

legitimam respostas nacionais, e até nacionalistas, à pandemia. Em outras palavras, os pontos de vista técnicos, terapêuticos e de segurança sanitária, pregados pelos governantes, alimentam a politização do problema sob o pretexto da urgência em agir. A despeito dessa visão despolitizante e naturalizante da pandemia, trata-se de, conforme a abordagem sociológica defendida por Didier Fassin, analisar os diferentes investimentos ideológicos aos quais a pandemia dá lugar, tanto no campo político quanto nos outros campos sociais:

A evidência da materialidade técnica e da finalidade terapêutica do medicamento deixou-o, por muito tempo, de fora da análise das ciências sociais. Produto inerte, era apenas a resposta às necessidades dos doentes, eventualmente graças à mediação dos médicos. Estagnado entre a farmacologia e a farmácia, o remédio era diminuído frente ao historiador, ao sociólogo ou ao antropólogo. (FASSIN, 2007, p. 94)

É justamente considerando esse tratamento paradoxal da pandemia (naturalização/instrumentalização política do problema) que se pode entender o aumento excessivo do uso do vocabulário de guerra que se manifestou ao longo de toda a crise, uma vez que muitos chefes de Estado e de governo — à notável exceção da Alemanha — não hesitaram em comparar a situação sanitária a uma guerra, convocando o povo à mobilização geral; com destaque, o presidente da República da França, Emmanuel Macron, designando *um inimigo invisível* e se apresentando sob a figura tutelar de pai⁶ da nação:

Estamos em guerra, em uma guerra sanitária, sem dúvida: não lutamos nem contra um exército nem contra outra nação. Mas o inimigo está lá, invisível, esquivo, avançando. E isso requer nossa mobilização geral. Estamos em guerra. Toda a ação do governo e do Parlamento deve, a partir de agora, ser voltada para o combate à pandemia. Dia e noite, nada deve nos distrair dela. (PIETRALUNGA; LEMARIÉ, 2020, s/p)

É evidente que uma crise sanitária, por mais grave que seja, não poderia ser comparada a uma guerra. Isso não impede que ela seja “posta em cena” como tal por certos agentes institucionais — principalmente os dirigentes governamentais — que buscam gerar, entre os cidadãos, um sentimento de unidade nacional através da designação de um inimigo, ao mesmo tempo interior e exterior. Nessa perspectiva, o discurso da luta contra o coronavírus vale-se dos mesmos apelos afetivos que a retórica de guerra, ativando o medo da “quinta coluna” e os reflexos chauvinistas. A França constrói, assim, os novos heróis nacionais (os auxiliares de

⁶ Trecho do pronunciamento do presidente da República, Emmanuel Macron, aos franceses. Palácio do Eliseu, 16 de março de 2020. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2020/03/16/adresse-aux-francais-covid19>.

enfermagem, os voluntários associativos, os agentes humanitários etc.) designando, em único impulso denunciante, os infratores da ordem sanitária (os “maus franceses” que se recusam a adotar as medidas preventivas, principalmente nos bairros populares⁷). Esses enunciados bélicos podem ser assimilados, no contexto da Covid-19, a um “nacionalismo terapêutico”⁸ segundo a expressão de Didier Fassin, mas que, diferentemente da situação sul-africana descrita pelo autor, constituem menos uma expressão de resistência à dominação ocidental do que a manifestação de um discurso dominante, que visa a impor aos cidadãos comuns uma concepção hegemônica da luta contra a doença. De fato, esse nacionalismo sanitário, ativado pelos dirigentes políticos, só é eficaz, em termos de mobilizações e representações sociais, porque se insere, também, em um nacionalismo comum, amplamente presente entre a população: nacionalismo elitista e nacionalismo popular acomodam-se mutuamente para produzir uma leitura muito etnocêntrica da luta contra a pandemia, onde o espaço mundial apaga-se em prol da obsessão do espaço nacional:

O aumento dos reflexos nacionalistas tem consequências sobre a manifestação da solidariedade. Em tempos de coronavírus, não é fácil ser um refugiado sírio. Essa omissão diante da solidariedade ocorre, também, no interior da Europa. Cada país, naturalmente, concentra-se nos seus doentes, seus mortos. As informações nos telejornais nunca foram tão nacionais — alguns diriam provinciais. Em um momento em que americanos “desviam” inúmeros carregamentos de máscaras nas pistas de aeroportos chineses, o lema dos Três Mosqueteiros, “Um por todos, todos por um”, parece bem abstrato. (MOÏSI, 2020, s/p)

Para além disso, esse nacionalismo sanitário produz efeitos concretos sobre a gestão da crise epidemiológica e a criação de políticas públicas de prevenção, como indica a geógrafa Anaïs Voy-Gillis:

A crise faz emergir uma gestão nacional com medidas por vezes contraditórias e uma falta, ou até uma ausência de coordenação em escala europeia. Mas é cedo demais para dizer se isso corresponde a um verdadeiro retorno à nação. Veremos nos próximos meses. (RETO, 2020, s/p)

A manifestação mais visível dessa política foi, sem dúvida, a decisão de fechar unilateralmente as fronteiras nacionais, sem diálogo com os governos dos Estados vizinhos, sustentando a ideia falsa de que o perigo viral necessariamente viria do estrangeiro. Esse

⁷ Entre março e maio de 2020, várias reportagens nos telejornais foram consagradas à “incivilidade sanitária” da população nas periferias, principalmente em Seine-Saint-Denis.

⁸ O autor utiliza a expressão para descrever uma resistência a uma ordem sanitária dominante (Sul versus Norte) enquanto, aqui, é empregada para analisar uma manifestação de hegemonia.

“fronteirismo”⁹, já tão estruturante nas políticas migratórias, conheceu um novo terreno de aplicação, exercendo-se em detrimento da liberdade de circulação e penalizando, principalmente, o deslocamento dos trabalhadores transfronteiriços:

O controle e o fechamento das fronteiras, decididos rápida e unilateralmente por vários Estados, ilustra a permanência de reflexos nacionalistas no seio da União Europeia. As soluções nacionais foram priorizadas sobre uma gestão comum da epidemia: quando o fechamento das fronteiras europeias foi decretado, em 17 de março, muitos Estados já haviam instaurado controles rigorosos, restrições ou o fechamento total de suas próprias fronteiras. Essas decisões denunciam uma total falta de coordenação entre os Estados, o que pode levar a situações absurdas. (DEVIGNES, 2020, s/p)

Em um artigo intitulado *Le nationalisme est-il bon pour la santé?* [O nacionalismo faz bem para a saúde?], a cientista política Speranta Dumitru (2020) estabelece uma aproximação pertinente entre a miopia do nacionalismo metodológico nas ciências sociais e a do nacionalismo sanitário nas políticas públicas de combate à Covid-19. Ela destaca, então, três *vieses nacionalistas* na gestão da crise sanitária, que trazem efeitos perversos. Em primeiro lugar, a dificuldade em avaliar corretamente o problema; a miopia nacionalista que, através da grande importância dada aos fatores culturais, favorece erros de reconhecimento do *risco epidemiológico*: “Contudo, essa superestimação das diferenças culturais pode levar não somente à ausência de empatia, mas também à crença na ideia de que, para enfrentar um vírus visto como estrangeiro, a solução é fechar as fronteiras” (DUMITRU, 2020, s/p).

Em segundo lugar, a lentidão dos agentes públicos nacionais para compreender a propagação da doença, baseada em preconceitos culturalistas. Nesse sentido, a França, por exemplo, estaria relativamente imunizada contra um vírus visto, principalmente, como *chinês* ou *italiano*; em todo caso, *exótico*. Pode-se acrescentar, aqui, uma certa condescendência das autoridades de saúde francesas (porém, isso pode ser visto, também, na maior parte dos países do mundo) em relação aos sistemas de saúde estrangeiros, considerados pouco confiáveis, desorganizados e obscuros. Nesta ocasião, vimos ressurgir velhos clichês culturalistas, e até xenofóbicos, sobre a indisciplina, a negligência e o desleixo dos italianos, que, estranhamente, lembram os estigmas que circulavam no século passado sobre os imigrantes transalpinos. Por fim, o terceiro viés nacionalista apontado por Speranta Dumitru (2020) é a incoerência das políticas públicas que visam proibir a entrada de estrangeiros no território nacional ou até, em

⁹ Utilizamos esse neologismo nos inspirando em seu antônimo, “sem-fronteirismo”. Designamos, assim, a crença dos dirigentes do “poder das fronteiras” como instrumento de políticas públicas em diversos domínios (climático, cultural, sanitário, migratório, profissional etc).

alguns casos, incentivá-los a partir enquanto, ao mesmo tempo, aos cidadãos naturais — que podem portar o vírus — é permitido retornar à pátria-mãe:

Ora, se o objetivo é reduzir o número de interações em um território, por que permitir o retorno dos nativos, cujos vínculos sociais e familiares são ainda mais numerosos do que os dos estrangeiros? E para os cidadãos naturais, a regra que lhes permite retornar, seja qual for a prevalência da epidemia em seu país, é realmente favorável? (DUMITRU, 2020, s/p)

Além das concepções bastante *nacionais* da gestão da pandemia, a crise do coronavírus foi, também, um terreno propício para a afirmação exacerbada de protonacionalismos, provincianismos e regionalismos de todo gênero, consagrando a superioridade de comunidades originais que, por sua vez, são reativadas em um modo imaginário (nações históricas, regiões, províncias, cidades e aldeias etc.). Naturalmente, esses fenômenos identitários soberanistas e revivalistas não têm nada de novo. A *síndrome nacional-populista*, para fazer referência à expressão do cientista político e historiador Guy Hermet, precedeu a crise sanitária que a revelou, legitimou e, provavelmente, amplificou, de uma só vez:

Diferentemente, a síndrome nacional-populista marca, também, um aumento em nosso país. O impacto da globalização ou do processo de unificação da Europa conta muito nesse ressurgimento. Porém, o problema é que só contabilizamos seus efeitos quanto ao preconceito; e o medo da mudança que dele resulta não levaria a nada além de reações xenofóbicas, das quais só os movimentos de extrema direita, como a Frente nacional¹⁰, se aproveitariam. De fato, esse “andamento de Frente nacional” não basta para delimitar uma realidade que tende, na verdade, a mascarar. (HERMET, 1997, s/p)

Assim, nos Estados Unidos, vimos ressurgir os antigos caprichos isolacionistas e populistas herdados do *People's Party* e do *Tea Party*, fortemente encorajados pelo presidente Donald Trump, acusando o estrangeiro pela propagação do vírus e apelando a uma resistência menos sanitária do que política através da palavra de ordem *America First*. No caso estadunidense, a instrumentalização nacionalista da pandemia conduziu menos a uma dramatização do *risco sanitário* do que a um fenômeno contrário, isto é, à sua relativização total, sob o pretexto da defesa da liberdade de agir em oposição ao direito de se proteger e se cuidar. Na realidade, esse liberal-populismo insere-se, como aponta a socióloga Ya-Han Chuang, no tom xenofóbico já clássico no discurso do presidente Trump e de seus partidários, que foi reacendido com a crise do coronavírus de um modo paroxístico:

¹⁰ N.T.: *Front national*, partido político francês de extrema-direita que, a partir de 2018, passou a se chamar *Rassemblement National*, “Reagrupamento nacional”.

Recentemente, nos Estados Unidos, Trump insistiu no fato de chamar o coronavírus de “o vírus chinês” para estimular o ódio e esconder o fato de que eles não conseguem gerenciar a crise sanitária, ainda que a OMS tenha especificado que não se deveria chamá-lo assim, que não se deveria “politizar o vírus”. Na realidade, estigmatizar a China faz parte da agenda política de Trump, de sua estratégia eleitoral. Ele instrumentaliza, então, o medo que as pessoas têm da doença, afirmando que a China é responsável pela pandemia e que, então, a guerra comercial contra ela é justificada, defendendo, na mesma linha, medidas protecionistas. (NOUS, 2020, s/p)

Essa retórica de eufemização do *risco sanitário* também foi utilizada pelo presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que acusou os inimigos do interior (seus opositores) e do exterior (as *nações democráticas*) de exagerar deliberadamente a gravidade da pandemia para abalar as estruturas do Estado e da economia nacional. Por meio de diversas declarações públicas, mas principalmente provocações simbólicas (tirar a máscara em frente às câmeras, apertar as mãos de seus apoiadores), o presidente do Brasil desafiou, assim, o *vírus estrangeiro*:

Nostálgico da ditadura, Bolsonaro pratica o negacionismo histórico. Ao queimar a Amazônia, ele pratica, também, o negacionismo climático. Ao tratar a Covid-19 como uma “gripezinha” ou uma “constipaçãozinha”, ele convoca seus adeptos mais radicais a uma manifestação abertamente golpista contra o Congresso e o Supremo. Como se um crime não fosse o suficiente, ele faz corpo-a-corpo sem máscara e sem adotar as medidas preventivas, mesmo sabendo que várias pessoas de seu convívio próximo, que o haviam acompanhado durante sua visita oficial aos Estados Unidos, já estavam infectadas. Ele minimiza os riscos da pandemia, insulta as grandes mídias e as acusa de fomentar uma “*verdadeira histeria*”. (NOUS, 2020, s/p)

Nas novas democracias autoritárias da Europa oriental (Hungria, Polônia, Eslováquia, República Tcheca etc.), a tendência à dramatização foi maior, agindo sobre o medo da propagação do vírus: os governantes nacionalistas, soberanistas e ultraconservadores instrumentalizaram fortemente a fibra patriótica, populista e antieuropeia para convocar os cidadãos a um retorno aos princípios fundamentais e valores ancestrais da nação, para enfrentar um vírus visto, majoritariamente, como *estrangeiro*, senão *fabricado* por negligência da União Europeia. Esse fenômeno de recuperação populista da pandemia, aliás, não se limita à Europa oriental, mas afetou, também, certas *velhas democracias*, incluindo meios social-democratas e liberais que, no entanto, acreditavam-se a salvo desse tipo de derivas demagógicas:

Os nacionalistas veem nisso, principalmente, um meio de criticar novamente a União Europeia, o sistema e as elites. Há anos assistimos a essas tentativas de desarticulação da UE: vimos surgir partidos eurofóbicos que questionam o funcionamento da União. Como a Liga de Matteo Salvini, na Itália; a chegada da extrema-direita na coligação vigente na Áustria; o primeiro-ministro Viktor

Orban, na Hungria; o partido Direita e Justiça (ultraconservador) na Polônia... Até governantes social-democratas falaram da Europa com dois pesos e duas medidas. A fundação europeia estava fragilizada antes mesmo dessa crise. (RETO, 2020, s/p)

Até na China, apesar de ser considerada o ponto de partida da Covid-19, as autoridades tentaram instrumentalizar as correntes xenofóbicas e nacionalistas para fazer esquecer suas próprias carências e deficiências na gestão da crise sanitária, alimentando o fantasma conspiracionista de um vírus inoculado voluntariamente pelos *serviços estrangeiros* — nesse caso, os Estados Unidos ou a Austrália, segundo os relatos — com o intuito de enfraquecer a República Popular. Nessa perspectiva, os governantes chineses implementaram, por várias semanas, uma verdadeira campanha de desinformação voltada para sua própria população, mas também para países estrangeiros, principalmente os do *terceiro mundo*; recorreram, então, ao teor do anti-imperialismo e do anticolonialismo, conforme o *nacionalismo terapêutico* descrito por Didier Fassin. Para o poder chinês, a pandemia foi, também, um momento de reafirmação de suas ambições geopolíticas (o que alguns chamaram de *diplomacia da máscara*), buscando valorizar a superioridade de seu sistema de saúde, enviando ações de ajuda humanitária para os países do sul e, em um plano mais geral, promovendo a *veracidade* de seu regime político enquanto, ao mesmo tempo, a polícia política reprimia os delatores, médicos, intelectuais e jornalistas independentes, acusados de atentar contra o interesse nacional:

Mas o governo rapidamente recuperou o controle sobre a narrativa, censurando as críticas postadas on-line, prendendo um monte de jornalistas cidadãos que atuavam em Wuhan e afogando os internautas sob um dilúvio de relatos que glorificavam o heroísmo da equipe médica. (ZAUGG, 2020, s/p)

Esses nacionalismos sanitários desenvolveram-se paralela ou conjuntamente a formas de provincianismo e regionalismo — ambos os fenômenos nutrindo-se mutuamente — visando a reabilitar as identidades originais que poderiam ser qualificadas pela expressão *espírito provinciano*. Desse ponto de vista, as emoções e paixões identitárias que sucederam a pandemia do coronavírus mereceriam, sem dúvida, um olhar mais direcionado sobre a escala dos territórios e até dos microterritórios, revelando não só segregações socioterritoriais, mas também a sobrevivência de chauvinismos locais que, por vezes, tende-se a considerar *anedóticas* ou *folclóricas* e que, entretanto, possuem incidências políticas. Da mesma forma, a província do Quebec viu renascer em alguns de seus governantes, intelectuais e formadores de opinião, tendências protonacionalistas que, em muitos aspectos, lembram a retórica política da *exceção quebequense* dos anos 1950-1960, apresentada como uma solução miraculosa para

todos os problemas sociais, econômicos, ambientais e, mais recentemente, sanitários, como foi escrito nas palavras de três dirigentes quebequenses em um artigo do jornal conservador *Le Devoir*:

No Quebec, entretanto, esse belo impulso criativo deverá compensar o fato de que somos cada vez mais minoritários no Canadá e que evoluímos em um contexto de relações Quebec-Canadá jamais resolvidas. Precisamos de um lugar de reflexão que nos seja próprio. [...] É considerando nosso interesse nacional que precisamos repensar nossa economia, para recuperar uma certa normalidade e um controle maior sobre nosso destino. Essa retomada deverá consolidar as estruturas da verdadeira economia, de nossos *bairros*, de nossas cidades e vilarejos, de nossas regiões, que podem responder às nossas necessidades reais. [...] É pensando a saída da crise em uma perspectiva nacional que poderemos nos prevenir melhor contra as futuras crises, garantindo um futuro para nós. Isso não tem nada a ver com egoísmo ou omissão, mas com o reconhecimento do verdadeiro Quebec. (CARBONNEAU; LAPLANTE; PARENTEAU, 2020, s/p)

Essa representação do *verdadeiro país*, sistematicamente oposta ao *país político-administrativo* foi, também, o motor de mobilizações locais em uma dezena de estados americanos que reclamavam a revogação das medidas de isolamento e a retirada de todos os obstáculos à liberdade de circular, consumir, comercializar e agir. É verdade que esses movimentos liberal-populistas, muitas vezes violentos e que, nas palavras de ordem e na forma de protestar, apresentam várias semelhanças com o *Tea Party*, foram fortemente encorajados pelas declarações de alguns líderes ultraconservadores do Partido Republicano e pelo discurso anti-isolamento do presidente Trump; este último tentou validar, perante a opinião pública estadunidense, a falsa ideia de que as medidas sanitárias constituíam uma *conspiração* contra o povo americano, orquestrada pelos dirigentes da Organização Mundial da Saúde (OMS). Notemos que esse discurso soberanista antissanitário não é a única contradição, pois, simultaneamente, os Estados Unidos decidiram fechar suas fronteiras aéreas e terrestres a fim de impedir a propagação do vírus em seu território, permitindo supor que este era transmitido aos americanos pelos estrangeiros, principalmente pelos trabalhadores imigrantes. Até mesmo a Alemanha que, com declarações ponderadas de seus governantes federais, em muito se distinguiu durante a pandemia, chegou a presenciar excessos regionalistas, mais interessados em exigir uma abertura maior e mais rápida do isolamento do que em reivindicar medidas mais rigorosas para conter a pandemia. Assim, a Alemanha vivenciou em alguns de seus estados o despertar de baronias locais, contrárias à política sanitária federal, da qual pretendem obter uma boa quantidade de reivindicações corporativistas e regionalistas. Mais perto de nós, a coletividade territorial única da Córsega (*Cullettività di Corsica*) foi palco de um nacionalismo

exacerbado, com alguns líderes políticos locais, principalmente do movimento *Corsica libera*, promovendo a instauração de um verdadeiro *escudo sanitário* como resposta à pandemia, chegando a propor a criação de um *passaporte sanitário* imposto aos continentais e aos turistas estrangeiros. Nessa leitura tão ideológica da crise, o ilhamento cultural, linguístico e geográfico foi promovido como uma fortaleza eficaz contra a pandemia, supostamente de *origem continental*:

A epidemia de coronavírus não terminou de se espalhar pelos quatro cantos do planeta, mas o *Corsica Libera* já começa a se projetar no pós Covid-19. O partido independentista revela de imediato: do seu ponto de vista, somente a independência permitirá à Córsega sair dessa crise. “Nós lutamos por anos pela ascensão a uma soberania plena e integral, que hoje é a única solução viável para sair dessa crise”, escreve o *Corsica Libera* em um comunicado transmitido à imprensa. O partido acredita, mais do que nunca, que a independência representa o único remédio a essa epidemia e às inúmeras consequências que ela já está causando. (J.M., 2020, s/p)

A segunda cidade da França, Marselha, não ficou atrás em termos de manifestações de chauvinismo local contra a dita má gestão sanitária dos poderes públicos, vista como de esquerda por alguns políticos locais de direita (incluindo o *Rassemblement national*) e, pelos cidadãos comuns, como a prova de um abandono, ou mesmo um linchamento, da parte das autoridades nacionais. Esse movimento marselhês, muito heterogêneo, tanto em suas manifestações públicas (cartazes, *slogans*, criação de páginas no *Facebook*, blogs temáticos, artigos na imprensa local etc.) quanto em sua composição sociológica (dos moradores de bairros populares do norte da cidade aos burgueses do oitavo *arrondissement*), mostrou-se firme acerca da polêmica relativa ao tratamento pela hidroxicloroquina, defendido pelo professor Didier Raoult e sua equipe do Instituto Mediterrâneo de Infecções, no Hospital Universitário de Marselha (*Institut hospitalo-universitaire Méditerranée-Infection*, ou IHU)¹¹. Sem dúvidas, essa mobilização de apoio às teses defendidas pelo professor Raoult pode parecer puramente folclórica, ou até lúdica (como a faixa dos torcedores do Olímpico de Marselha estendida em frente ao IHU ou o jogo de palavras “Raoult, o salvador de Marselha”, trocadilho feito com o sabão de Marselha¹²), mas diz muito sobre o processo de ideologização das segregações sociais e territoriais que alimentam, ao mesmo tempo, discursos regionalistas e populistas. E não só: em Marselha, a crise sanitária reforçou a indignação de muitos cidadãos, principalmente nas

¹¹ Realizamos uma observação direta do movimento de apoio ao Professor Raoult no âmbito de um documentário produzido pela associação *Phocéa-Med*.

¹² N.T.: *Le savant de Marseille* e *Le savon de Marseille*.

regiões mais humildes, quanto às falhas estruturais dos serviços públicos, atribuindo a responsabilidade da pandemia às elites nacionais: “esses parisienses que não entendem nada da situação marselesa”. Simultaneamente, também foi expresso um sentimento de orgulho local, visando ressaltar o fato de que Marselha foi a primeira cidade da França a pôr em prática uma política de detecção sistemática do coronavírus e que, por isso, foi menos atingida pela doença do que as outras regiões do país. Essas manifestações exacerbadas de nacionalismo e provincianismo sanitário encorajaram, por vezes, expressões ainda mais radicais, carregadas de tons xenofóbicos e racistas, como destaca o jornalista do *Huffing Post*, Pierre Tremblay (2020, s/p): “A crise sanitária do coronavírus traz consigo uma liberação da fala racista nas mídias e nas redes sociais”. No início da crise do coronavírus, em dezembro de 2019, foram, sobretudo, leituras culturalistas e racialistas da pandemia que predominaram, assimilando-a a um *vírus chinês*, um *vírus asiático* ou ainda um *vírus amarelo*. Entretanto, à medida que a pandemia se desenvolvia no planeta, entre janeiro e maio de 2020, outros grupos sociais e raciais também foram o alvo principal de discursos conspiratórios e de ódio. É verdade que esse fenômeno não é novo: na Idade Média, a causa das epidemias — principalmente a peste — era frequentemente atribuída aos judeus, acusados de querer corromper e envenenar os povos cristãos (forma clássica do antijudaísmo)¹³. Mais recentemente, a pandemia da AIDS deu lugar a todo tipo de teorias da conspiração sobre a origem africana do vírus, os hábitos imorais dos homossexuais ou, ainda, nos países do chamado “terceiro mundo”, sobre o fantasma de um vírus criado pelo Ocidente branco para aniquilar os povos do sul. A crise do coronavírus dá origem a uma verdadeira *paranoia iatrogênica*, conforme a expressão de Didier Fassin:

A paranoia iatrogênica, entendida como a crença na existência de conspirações que utilizam recursos médicos e, principalmente, farmacológicos com o intuito de eliminar uma população, é um fenômeno generalizado. Ela pertence a uma categoria mais ampla que implica, além do medicamento, muitos outros objetos: de órgãos suspeitos de serem roubados a organismos geneticamente modificados; de atentados terroristas às catástrofes ditas naturais. Ela concerne aos países mais pobres, mas também às nações ricas. (FASSIN, 2007, p. 108)

Aqui não é o lugar de analisar todas as formas da xenofobia e do racismo reativados pela pandemia da Covid-19. Esses fenômenos de *racismo sanitário* merecem estudos aprofundados

¹³ “Segundo Michael Blume, que estudou o fenômeno do conspiracionismo durante anos, os adeptos dessas teorias pensam que os judeus estão por trás de supostas conspirações. Na Idade Média, cada vez que a peste estourava, os judeus eram acusados de envenenar os poços, afirma ele. ‘Nessa época, tínhamos *pogroms* da peste, nos quais multidões se agitavam para atear fogo nas sinagogas’”, citado por Anne-Sylvie Sprenger.

e comparativos. A título de ilustração, contentemo-nos em citar as que pareceram, ao mesmo tempo, mais notórias e recorrentes nos contextos nacionais e em escala internacional.

Em diversos níveis e de diferentes formas, a maior parte dos países conheceu expressões de xenofobia antiasiática, traduzida em discursos, atitudes e comportamentos de suspeita e de rejeição para com turistas, imigrantes, residentes temporários ou até cidadãos naturais que tenham uma origem asiática muito distante. A leitura da pandemia em termos culturalistas e racialistas foi recorrente nas sociedades setentrionais, latino-americanas, europeias, africanas e do Oriente Médio, levando, muitas vezes, a ações extremas e impulsivas. A sinofobia e a *asiofobia* tiveram um crescimento sem precedentes durante a crise sanitária, como relata a socióloga Ya-Han Chuang:

Na França, no Canadá, na Inglaterra, até no Japão, em todo lugar, houve um boicote aos restaurantes asiáticos. Na França, crianças foram perseguidas; algumas foram chamadas de “vírus”. Em seguida, isso foi traduzido em um medo de pessoas chinesas e asiáticas, podendo chegar a insultos — principalmente no metrô e nos espaços públicos — e a agressões verbais e físicas. Na Inglaterra, toda semana são registradas agressões físicas. Na Itália, desde o fim de janeiro, houve várias agressões, chegando a levar a estados graves e internações. As afirmações racistas divulgadas acomodaram esse tipo de prática: à medida que em todo lugar dizia-se que os chineses traziam o vírus, a população tinha permissão para perguntar a qualquer asiático: “Por que você está aqui?”. Na Itália, responsáveis políticos fizeram declarações racistas abertamente: uma representante política italiana declarou no Twitter que os chineses comiam cobras e morcegos e, por isso, merecem morrer. (NOUS, 2020, s/p)

Na França, por exemplo, a percepção do crescente fenômeno de sinofobia impulsionou certas associações e líderes comunitários a elaborar respostas coletivas, como a criação da hashtag *#JeNeSuisPasUnVirus* (*#EuNãoSouUmVírus*), que foi amplamente divulgada nas redes sociais. Percebe-se, aqui, a reversibilidade dos mitos migratórios: frequentemente considerados pelo senso comum como *modelos de integração* e *imigrantes exemplares* (subentendendo-se os árabes e os negros), os franceses de origem asiática viram-se condenados por seu comunitarismo, sua particularidade e suas práticas culinárias e sanitárias suspeitas. Nos Estados Unidos, além das antigas raízes históricas do racismo antiasiático, o ódio foi diretamente encorajado na cúpula do Estado pelo próprio presidente Trump que, em seus pronunciamentos públicos, empregou diversas vezes a expressão *vírus chinês* para se referir à Covid-19. Esse aval presidencial favoreceu a manifestação de uma sinofobia popular em diversos estados americanos, como

[...] na Califórnia, onde vivem muitas comunidades de imigrantes do leste asiático (chineses, japoneses, coreanos, taiwaneses, filipinos etc.), o número de casos de agressões racistas denunciadas por semana era de mais de 600 no final de março e passou de 1.400 em abril. (NOUS, 2020, s/p)

Na China, os imigrantes e estudantes africanos foram o alvo principal de discursos e gestos negrofóbicos, servindo, sobretudo os estudantes, de bode expiatório da crise sanitária que, no entanto, deve-se em parte aos erros de análise e de gestão das autoridades políticas locais. Os residentes africanos na China foram, então, vítimas expiatórias de uma política pública falha:

A descoberta de casos de coronavírus entre os imigrantes nigerianos em Cantão provocou atos racistas que geraram uma grande comoção na África, continente cortejado por Pequim há mais de uma década. A busca por um bode expiatório é uma constante nas pandemias. Um grupo de residentes africanos em Cantão, no sul da China, foi parar nas ruas após terem sido expulsos de seus alojamentos ou de seus hotéis por medo do coronavírus. [...] Bastou que cinco nigerianos testassem positivo para o coronavírus para desencadear um reflexo antiafricano na cidade chinesa que tem o maior número de imigrantes vindos da África. (HASKI, 2020, s/p)

Na França, se a negrofobia nunca apresentou um registro tão radical durante a pandemia, nos discursos das mídias *mainstream* e nas redes sociais circularam, constantemente, representações que estigmatizavam o incivismo sanitário das populações das periferias — com uma fixação compulsiva pelo “93” — que, por seu suposto desrespeito às medidas preventivas e de isolamento, teriam colocado em perigo todo o território nacional. Como prova, várias reportagens e documentários sobre as práticas do (não-)isolamento nos bairros populares dos grandes centros franceses; certamente mostraram exemplos indubitáveis da solidariedade popular (colheitas, mutirões de ajuda às pessoas em situação de rua, ajuda entre vizinhos etc.) mas também os comportamentos irresponsáveis dos moradores das cidades, tendo em conta a gravidade da pandemia. Em suma, com a crise do coronavírus, a imagem clássica do delinquente da periferia foi atualizada para uma representação temporária do delinquente sanitário¹⁴. A crise sanitária representou, também, uma oportunidade para o despertar dos velhos demônios do antissemitismo, por vezes retornando à afirmação de um antijudaísmo medieval, no qual os judeus eram acusados de disseminar as doenças na sociedade. Na história da

¹⁴ Ainda que, por outro lado, a mídia tenha destacado os “efeitos positivos” da crise sanitária em termos de queda do tráfico de entorpecentes, dos assaltos a mão armada, roubos e infrações de todos os gêneros, enfatizando, principalmente, as violências sexistas e intrafamiliares.

cristandade, as grandes ondas epidêmicas foram, também, frequentemente acompanhadas de *pogroms* antijudeus, fazendo milhares de vítimas nas comunidades judaicas nativas:

Nesse contexto, voltam à tona acusações antijudaicas dignas da peste negra do século XIV, que León Poliakov retrata em *Histoire de l'antisémitisme*¹⁵ (1955), o que decidiu, como escreve ele, o destino dos judeus massacrados e pilhados em várias cidades alemãs, e até em toda a Europa, pela condenação popular, apesar da intervenção do Papa Clemente VI ou de homens importantes, porém impotentes, que não conseguiram impedir esses rumores. (MASSON, 2020, s/p)

Naturalmente, no momento atual, o antissemitismo sanitário é expresso de uma maneira velada e, ao mesmo tempo, aberta através dos *pogroms*, agora digitais; porém, continua traduzindo a mesma *obsessão onomástica*, levando à perseguição da origem judaica de nomes e sobrenomes das elites dirigentes, dos responsáveis da equipe médica ou dos donos dos grandes laboratórios farmacêuticos, suspeitando que tenham, voluntariamente, inoculado o vírus em *gente de bem*, senão de alimentar deliberadamente a pandemia a fim de fortalecer sua dominação política e seus interesses financeiros. Na Rússia, nos países da Europa oriental, nas sociedades do Oriente Médio e, também, na Alemanha e na França, a crise sanitária foi um terreno favorável para todo tipo de teorias da conspiração, visando, em particular, personalidades judias ou vistas como tais¹⁶:

Postagens antissemitas e racistas também foram publicadas em contas do *Facebook* e no *Twitter*. Isso não tem nada de surpreendente, quando se sabe a que ponto o *Twitter* é usado para disseminar afirmações, comentários racistas, antissemitas e delírios conspiracionistas. Porém, e em grande parte, foram militantes ou simpatizantes de extrema-direita e supremacistas brancos que postaram essas mensagens. Eles são doutrinados e fanáticos, tanto na França quanto nos Estados Unidos. Geralmente, as mesmas pessoas, os mesmos grupos alimentam regularmente suas contas com discursos racistas, antissemitas, xenofóbicos e homofóbicos, salpicando-os com teorias da conspiração. (KNOBEL, 2020, s/p)

¹⁵ N.T.: “História do antissemitismo”.

¹⁶ Na França, a ex-ministra das Solidariedades e da Saúde, Agnès Buzyn, e seu marido, Yves Lévy, diretor geral do Instituto Nacional da Saúde e da Pesquisa Médica (*Institut national de la santé et de la recherche médicale* — Inserm) foram, especialmente, alvo de discursos antissemitas e conspiracionismos, acusados de retardar a adoção de tratamentos contra a Covid-19 para favorecer seus interesses pessoais e financeiros. São encontradas, aí, temáticas clássicas do antijudaísmo medieval e do antissemitismo contemporâneo.

A pandemia da Covid-19 foi um momento revelador de rupturas sociais, territoriais, econômicas e de concepções etnonacionalistas que atravessam as sociedades atuais. Ela também pôs em evidência as limitações das políticas públicas ao consolidar uma verdadeira *democracia sanitária* (que só existe no papel), semeando dúvidas entre muitos cidadãos sobre a capacidade dos sistemas democráticos de enfrentar os desafios de nossos tempos. Isso explica a tentação recorrente de governantes em escalas regionais, estaduais e nacionais em recorrer a soluções técnicas, securitárias e protecionistas, acomodando concepções higienonacionalistas do meio social (higienonacionalismo) e elegendo o *excesso de democracia* como a origem do mal. Todavia, distinguiremos duas variantes principais desse nacionalismo sanitário: uma, chamaremos de *nacional-conservadora*, que convoca um fortalecimento do Estado central e defende soluções autoritárias e protecionistas para erradicar a pandemia: é um nacionalismo de isolamento. Outra, ao contrário, poderíamos chamar de *populista-liberal*, adotando os valores do liberalismo econômico e reclamando os direitos naturais e fundamentais dos cidadãos de se deslocar, comercializar e agir: é um nacionalismo do fim do isolamento. Porém, as duas variantes desse nacionalismo sanitário unem-se para designar os metecos, os estrangeiros, os imigrantes e as minorias culturais como os principais responsáveis pela propagação do vírus no território nacional. Nesse sentido, elas encontraram sua unidade política e ideológica no desprezo ao Outro.

Referências:

BAYART, Jean-François. Le politique par le bas en Afrique noire. Questions de méthode, **Politique africaine**, Paris, n. 1, p. 53-82, 1981.

BERNATCHEZ, Jean-Claude. Le coronavirus sonne le retour du nationalisme [Online], **Le Nouvelliste**, 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.lenouvelliste.ca/opinions/carrefour-des-lecteurs/le-coronavirus-sonne-le-retour-du-nationalisme-6ad7621f859fa30128558d9a4fedec37>.

BOURDELAIS, Patrice. Les épidémies terrassées, une histoire de pays riches. **La Martinière**, Paris, p. 246, 2003.

CARBONNEAU, Claudette; LAPLANTE, Robert; PARENTEAU, Danic. Le Québec après la crise, **Le Devoir**, 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.ledevoir.com/opinion/idees/579157/le-quebec-de-l-apres-crise>.

CEPRÉ, Ludovic. Rivalités, territoire et santé: enjeux et constats pour une vraie démocratie sanitaire, **Hérodote**, v. 4, n. 143, pp. 65-88, 2011.

CHAMAYOU, Grégoire. **La société ingouvernable**: Une généalogie du libéralisme autoritaire. Paris: La Fabrique, 2018.

CONTAMIN, Jean-Gabriel. Cadrages et luttes de sens. In: AGRIKOLIANSKY, Éric (Org.). **Penser les mouvements sociaux**: Conflits sociaux et contestations dans les sociétés contemporaines. Paris: La Découverte, 2010. p. 55-75.

CORONAVIRUS: stop au banlieue-bashing ! [Online], **Enlarge your Paris.fr**, 30 de março de 2020. Disponível em: <https://www.enlargeyourparis.fr/societe/coronavirus-stop-au-banlieue-bashing>.

PARIS-MATCH à Pantin: droit de réponse [Online], **Fumigene.org**, 2 de maio de 2020. Disponível em: <http://www.fumigene.org/2020/05/02/paris-match-a-pantin-droit-de-reponse/>.

DESVIGNES, Basile. Le coronavirus est-il nationaliste? [Online], **Le Taurillon**, 12 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.taurillon.org/le-coronavirus-est-il-nationaliste>.

DUMITRU, Speranta. Le nationalisme est-il bon pour la santé? [Online], **The Conversation**, 7 de abril de 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/le-nationalisme-est-il-bon-pour-la-sante-135709>.

FANSTEN, Emmanuel, Ces territoires jouent le rôle de bouc-émissaire. Entretien avec Michel Kokoreff', **Libération**, Paris, 21 de abril de 2020.

FASSIN, Didier. Entre désir de nation et théorie du complot. Les idéologies du médicament en Afrique du Sud, **Sciences sociales et santé**, Paris, v. 25, n. 4, p. 93-114, 2007.

FOUILLET, Thibault. De la “guerre sanitaire”, mise en perspective de l'emploi du registre guerrier dans la crise du coronavirus. **Fondation pour la recherche stratégique**, FRS, Paris, 2020, notas 13-20. Disponível em: <https://www.frstrategie.org/sites/default/files/documents/publications/notes/2020/202013.pdf>.

GEISSER, V., L'hygiéno-nationalisme, remède miracle à la pandémie? Populismes, racismes et complotismes autour du Covid-19., **Migrations Société**, Paris, p. 3-18, 2020. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-migrations-societe-2020-2-page-3.htm>.

_____. Asiatique travailleur versus arabe fainéant? De l'essentialisme présidentiel à la réversibilité des mythologies migratoires, **Migrations société**, v. 22, n. 128, p. 3-10, 2010.

GUIRAUDON, Virginie. Chapitre 6: Les politiques de gestion des frontières et de l'immigration. In: BORRAZ, Olivier; GUIRAUDON, Virginie (Dir.), **Politiques publiques 1**: La France dans la gouvernance européenne. Paris: Presses de Sciences Po, 2008. p. 173-194.

GUTMANN, Raphaël. Le Brésil sous Bolsonaro. Un pays au paroxysme de ses traumatismes, **Études**, n. 11, p. 7-17, nov. 2019.

HASKI, Pierre. La peur du coronavirus, moteur d'un racisme anti-Africains en Chine, **France Inter**, 13 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.franceinter.fr/emissions/geopolitique/geopolitique-13-avril-2020>.

HERMET, Guy, Populisme et nationalisme, **Vingtième siècle**: Revue d'histoire, v. 56, n. 4, p. 46-47, 1997.

HÉRON, Célia. #JeNeSuisPasUnVirus : aux origines du racisme anti-asiatique. Entretien avec Nicolas Bancel [Online], **Le Temps.ch**, 31 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.letemps.ch/societe/jenesuispasunvirus-aux-origines-racisme-antiasiatique>.

JANSEN, Sabine. Les États-Unis de Donald Trump: 'America First' et hégémonie décomplexée [Online], **Vie publique**, 3 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.vie-publique.fr/parole-dexpert/269992-les-etats-unis-de-donald-trump-america-first-et-hegemonie-decomplexee>.

LE FIGARO. **Crainte d'une montée d'antisémitisme liée au virus** [Online], 7 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/flash-actu/Allemagne-crainte-d-une-montee-d-antisemitismeliee-au-virus-20200407>.

LE HUFFINGTON POST. **Coronavirus : la lutte contre l'épidémie, 'pas une guerre' pour le président allemand** [Online], Paris, 11 de abril de 2020. Disponível em: https://www.huffingtonpost.fr/entry/la-lutte-contre-le-coronavirus-nest-pas-une-guerre-selon-le-president-allemand_fr_5e91df9ac5b6f7b1ea823eed.

LEMAÎTRE, Frédéric. Le 'soft-power' chinois tenu en échec, **Le Monde**, Paris, 11 de maio de 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2020/05/11/le-soft-power-chinois-tenu-en-echec_6039354_3210.html.

LEPARMENTIER, Arnaud. Coronavirus: Donald Trump annonce qu'il va 'suspendre' toute immigration vers les États-Unis, **Le Monde**, Paris, 21 de abril de 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2020/04/21/coronavirus-trump-annonce-qu-il-va-suspendre-toute-immigration_6037263_3210.html.

LESNES, Corine. Coronavirus : des manifestations contre le confinement dans plusieurs États américains, **Le Monde**, Paris, 21 de abril de 2020. Disponível em: https://flipboard.com/article/les-manifestations-contre-le-confinement-se-multiplient-aux-etats-unis/a-1d9ZXaFdQ1-Y06pLe_hDHA%3Aa%3A2417577963-bcb6217d38%2Flemonde.fr.

LORRIAUX, Aude. Coronavirus: la référence au péril jaune joue sur les fantasmes, les peurs. Entretien avec Vincent Geisser" [Online], **20 Minutes.fr**, 27 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.20minutes.fr/arts-stars/medias/2704775-20200127-coronavirus-reference-peril-jaune-joue-fantasmes-peurs-selonchercheur-vincent-geisser>.

MASSON, Céline. Quand la pandémie fait ressurgir l'antisémitisme [Online], **Marianne.net**, 22 de março de 2020. Disponível em: <https://www.marianne.net/debattons/billets/quand-la-pandemie-fait-ressurgir-l-antisemitisme>.

MAX, Adrien. Marseille: camionnette publicitaire, tatouage, le professeur Raoult toujours à la mode [Online], **20 minutes.fr**, 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.20minutes.fr/societe/2782187-20200519-marseille-camionnette-publicitaire-tatouage-professeur-raoult-toujours-mode>.

MOLLIER-SABET, Louis. Renaud Muselier adoube Didier Raoult : ‘Nobélisable, génial et exceptionnel’ [Online], **Public Sénat.fr**, 13 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.publicsenat.fr/article/politique/renaud-muselier-adoube-didier-raoultnobelisable-genial-et-exceptionnel-182481>.

MINARD, Adrien. Perception du sida et théories du complot dans la population afroaméricaine. Commentaire, **Sciences sociales et santé**, Paris, v. 25, n. 4, p. 115-122, 2007.

MOÏSI, Dominique. Coronavirus: le grand retour des nations, **Les Échos**, Paris, 4 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.lesechos.fr/idees-debats/editos-analyses/coronavirus-le-grand-retour-des-nations-1192111>.

MOURLANE, Stéphane. Que reste-t-il des préjugés? L’opinion française et l’immigration italienne dans les années 50-60. **Migrations société**, Paris, v. 19, n. 109, p. 133-145, 2007.

NOUS, Camille. Coronavirus et racisme anti-asiatique. Entretien avec Ya-Han Chuang [Online], **Contretemps**, 18 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.contretemps.eu/coronavirus-racismeanti-asiatique>.

PIETRALUNGA, Cédric; LEMARIÉ, Alexandre. Nous sommes en guerre: face au coronavirus, Emmanuel Macron sonne la ‘mobilisation générale’, **Le Monde**, Paris, 17 de março de 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/politique/article/2020/03/17/nous-sommes-en-guerre-face-au-coronavirus-emmanuel-macron-sonne-la-mobilisation-generale_6033338_823448.html.

PLOTTU, Pierre; MACÉ, Maxime. Extrême et écologie : ‘le localisme est une manière de s’adapter à la demande électorale’, **Libération**, Paris, 19 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.liberation.fr/france/2020/05/19/le-localisme-est-une-maniere-de-s-adapter-a-la-demande-electorale_1788879.

RÉTO, Cécile. Coronavirus. La crise sanitaire, un terreau favorable aux nationalistes em Europe. Entretien avec Anaïs Voy-Gillis, **Ouest-France**, 30 de março de 2020.

ROUSSELEAU, Raphaël. L’esprit et les lieux. Généalogie et usages de clichés paysagers vendéens, **Genèses**, v. 3, n. 44, p. 99-126, 2001.

RUPNIK, Jacques. Populismes et révolution conservatrice en Europe de l’Est” [Online], **Vie publique**, 10 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.vie-publique.fr/parole-dexpert/271111-populismes-et-revolution-conservatrice-en-europe-de-lest>.

SARDON, Jean-Paul. De la longue histoire des épidémies au Covid-19. **Les analyses de Population & Avenir**, v. 26, n. 5, p. 1-18, 2020.

TREMBLAY, Pierre. On m'appelle coronachinois: le racisme anti-asiatique, autre symptôme du coronavirus”, **Huffingtonpost.fr**, 15 de maio de 2020. Disponível em: https://www.huffingtonpost.fr/entry/on-mappelle-coronachinois-le-racisme-anti-asiatique-autre-symptome-du-coronavirus_fr_5ebe66a1c5b6500cdf669990.

VANDENBERGHE, Frédéric. Covid-19: Bolsonaro commet un ‘populicide’ au Brésil, **Libération**, Paris, 6 de abril de 2020. Disponível em:

https://www.liberation.fr/debats/2020/04/06/covid-19-bolsonaro-commet-un-populicide-au-bresil_1784138.

WIEDER, Thomas. En Allemagne, Angela Merkel concède aux länder une accélération du déconfinement, **Le Monde**, 7 de maio de 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/international/article/2020/05/07/en-allemande-angela-merkel-concede-aux-lander-une-acceleration-du-deconfinement_6038952_3210.html.

ZAUGG, Julie. La pandémie provoque un sursaut nationaliste en Chine, **Le Temps**, 7 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.letemps.ch/monde/pandemie-provoque-un-sursaut-nationaliste-chine>.